

“NINGUÉM É MELHOR DO QUE TU”: ZÉLIA AMADOR DE DEUS, NEGRA E NORTISTA, UMA INTELLECTUAL BRASILEIRA

Beatriz Martins Moura*
Zane do Nascimento**

* Professora substituta na Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA; Mestra e doutoranda pela Universidade de Brasília- UnB. E-mail: beatrizmartinsmoura@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4044279114521400>.

** Formada em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia e Estudos Latino-Americanos, Mestranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Integrante e co-fundadora do Coletivo Escrivências. E-mail: nascimentozane.unb@gmail.com.

Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, v. 8, n. 13, e132020, 2020.

ISSN 2317-9457 | 2317-9465

Acesse: revistas.uneb.br/index.php/opara

“Ninguém é melhor do que tu”, dizia dona Francisca Amador de Deus para a pequena neta, Zélia, quando nos meandros cotidianos da cidade de Belém, onde as duas chegaram com a família, vindas da Ilha do Marajó, o racismo se fazia presente nas suas mais diversas formas. Dona Francisca Amador de Deus, corajosa, como muitas mulheres negras, decidiu que precisava migrar para a capital do estado, com o objetivo de dar à sua neta mais oportunidades na vida, uma realidade comum entre famílias do interior da Amazônia e do Nordeste. Aquela menina preta, que se destacava nas aulas e era referência entre colegas e professores, cresce e, impulsionada por sua avó, trilha caminhos que vão constituí-la como a grande referência que é: professora Zélia Amador de Deus. “Ninguém é melhor do que tu!”. É através das palavras de dona Francisca, na nota da autora, que abre a edição de “Caminhos Trilhados na Luta Antirracista”, que nos aproximamos dos escritos da professora Zélia Amador de Deus.

O livro se constitui de oito textos, entre artigos e falas em conferências, mas antes de chegarmos neles, somos interpeladas pela apresentação da obra, feita por outra grande referência, Nilma

Lino Gomes. A professora Nilma Lino Gomes acendeu em nós uma reflexão que queremos trazer para a centralidade dessa resenha: o lugar de Zélia Amador de Deus entre as grandes intelectuais negras brasileiras. Ao nos dizer que a história da professora Zélia “se confunde com as lutas antirracistas e por democracia no país, com destaque para a região Norte e se estendendo para outros estados e municípios brasileiros” (p.21), a apresentadora inscreve a autora do livro no lugar que é seu de fato. Ao partir da realidade negra do Pará e da Amazônia, Zélia Amador de Deus está elaborando sobre a condição social, política, econômica, cultural e intelectual de negras e negros nesse país.

Em 2020, comemoraram-se os 40 anos do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará, o CEDENPA. Sem dúvida uma data que celebramos, sobretudo no reconhecimento dos passos dados antes de nós por intelectuais e ativistas que construíram ao longo de muitos anos, e seguem construindo, as reivindicações da existência plena para a população negra paraense. Entre os nomes que merecem destaque trazemos aquela à qual essa resenha se dedica, professora Zélia Amador de Deus. No capítulo um, a autora inicia detendo-se à análise e

lembrança da fundação do CEDENPA, uma grande referência para as pessoas negras do estado e também da região que, não por acaso, coincide com a trajetória intelectual da antropóloga Zélia Amador de Deus e de sua luta política em prol da população negra. Entretanto, nosso chamado é para compreender como sua obra, com toda sua complexidade, também é uma obra que nos possibilita ler a realidade brasileira de maneira mais ampla.

Ao longo de seu livro vamos acompanhando esses caminhos de luta política e intelectual trilhados por Zélia Amador de Deus, antropóloga, artista, militante e educadora. Os capítulos explicitam argumentos e elaborações que passeiam de um olhar atento à educação formal, especialmente à educação básica, destrinchando e analisando detalhadamente as estruturas racistas e suas formas de perpetuação, entre outras coisas no modo como constitui o negro como um problema. Mas também convida a (re)visitar categorias de entendimento caras à antropologia, como corpo e cultura. Em diálogo direto com intelectuais como Abdias do Nascimento, Frantz Fanon, Beatriz Nascimento, Kabengele Munanga, Marcel Mauss, Vicente Salles e Michel Foucault, a autora

vai, como herdeira de Ananse, tecendo teias de reflexão e análise.

A centralidade do corpo perpassa fortemente os capítulos dois e três. Um corpo que fala, um corpo que vem à cena como enunciação da resistência. O corpo africano e afrodiaspórico como o baú de Ananse, é um baú que guarda histórias e memórias. Os conhecimentos trazidos na travessia do Atlântico refundam e recriam na diáspora possibilidades de existir e de se conectar com o continente africano, a despeito das violências coloniais/escravistas. Um corpo que é ao mesmo tempo, individual e coletivo, porque através dele são enunciadas organizações e articulações coletivas de vida e de luta. Ao falar de corpo, trazendo o corpo negro para o centro da reflexão sobre resistência na diáspora, Zélia Amador de Deus constitui sobre esse *corpo-coletivo*, *corpo-memória*, *corpo-ancestral*, a potência que ele representa, negando a chave colonial que desumaniza e objetifica- legado escravista mesmo após a abolição.

Nos capítulos quatro e cinco, Zélia Amador de Deus aprimora a complexidade das teias de Ananse, haja vista que a autora amazônida extrapola os ditames da historiografia clássica que acomodou o negro à condição de

commoditie. Desta feita, ao invés do corpo-escravo, destaca-se a compreensão da complexidade da diáspora africana disseminada no decorrer do território brasileiro. Importante salientar que a travessia transatlântica territorializa de Norte a Sul do país elementos marcantes das civilizações africanas, de modo que, este argumento elaborado por Zélia Amador de Deus apresenta-se em contraposição epistemológica ao viés culturalista e contribucionista em voga nas ciências sociais até idos dos anos 1980. Assim, as africanidades e performances culturais negras em contato interétnico com a matriz indígena rompem a dialética *senhor-escravo* defendida no pensamento social nacional.

Na sequência, a antropóloga amazônica sob influência dos estudos culturais e pós-coloniais reforça que a diáspora africana não permaneceu estática em território americano; pelo contrário, realizou-se segundo aquilo que Homi Bhabha designou de ‘entre-lugares’, ou seja, a reelaboração civilizatória negro-africana ocorreu mediante diversas ressignificações inscritas na memória coletiva que, por sua vez, seguiu prehe no tempo-espaço geográfico e ancestral. Atualmente, podemos exemplificar a partir da agenda quilombola que opera o

artigo 68 da Carta Magna a fim de validar, por exemplo, suas inúmeras territorialidades negras acionadas, ainda hoje, como inscrição indelével dos aquilombamentos que não cessaram até a Abolição, e muito menos em 1988.

Um dos aspectos mais inspiradores da obra é o modo como, partindo desde o Norte, a autora nos brinda com argumentos que alcançam a realidade de pessoas negras no Brasil como um todo, se juntando a grandes nomes, como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Nesse sentido, o trabalho de Zélia Amador de Deus inspira gerações de jovens negras/os do Norte e Nordeste, especialmente aquelas que pesquisam desde os campos das ciências humanas, como a antropologia, a seguir suas trilhas e reelaborar sobre a construção de suas regiões. Por muito tempo pairou na historiografia e mesmo na antropologia, um discurso de vazio em relação a presença negra na Amazônia (aqui estamos usando região Norte e Amazônia como correspondentes). Zélia Amador de Deus recoloca os termos dessa construção, negando esse vazio e apontando como, na Amazônia, “as manifestações de africanidade rasgam o tecido cultural branco que se quer

hegemônico e fluem, vêm à tona, sem pedir licença ao *senhor branco*” (p. 51).

Como acadêmica e intelectual em atividade desde a década de 1970, Zélia Amador de Deus valendo-se do tempo performativo afrodiaspórico oferece a seus leitores e leitoras a oportunidade de aproximação dos bastidores da Lei 10.639/03 que diz respeito a obrigatoriedade do ensino de cultura e história africana e afro-brasileira nas instituições de ensino da educação básica. Como vivemos na atualidade uma possível *virada* epistemológica, a autora revela que a antropologia, por exemplo, deteve-se no passado recente aos estudos de parentesco e religiosidade em comum acordo com a folclorização de povos e comunidades negras e indígenas. De modo que vale a pena reconhecer a importância dos educadores e pesquisadores negros e negras que estiveram cientes das hierarquias e subalternidades impostas pela academia e engajaram-se coletivamente na luta antirracista.

Nesse sentido, a Academia permaneceu durante muito tempo de olhos fechados para a realidade racista vivenciada pelas pessoas negras, pois assentou-se em práticas e estudos do racismo antinegro que, segundo Zélia

Amador de Deus, tinha por objetivo final promover a negação do negro e impor a visão de mundo ocidental. Não obstante, a proclamada *virada* epistemológica levou cerca de duas décadas para se realizar e, entre outras razões, deve-se à Política de Ações Afirmativas empreendida pelo Movimento Negro Brasileiro que ao longo de sua história lutou pela constitucionalidade das cotas raciais e do artigo 68 da Carta Magna, por exemplo.

Essa luta histórica provocou fissuras e rasuras no cânone, haja vista que o ingresso de pessoas negras na academia confirma que “a experiência cotidiana de opressão os acompanha, pois eles não entram sozinhos para a Academia. Não costumam andar sozinhos” (p. 68). Ao adentrar nas instituições que detêm poder ideológico e político sobre a produção e circulação do conhecimento formal, intelectuais, professoras, pesquisadoras e ativistas negros e negras aquilombaram-se em grupos de pesquisa, coletivos, diretórios, periódicos e fóruns para arquitetar a estrutura do projeto de justiça social que compreende também outras minorias da sociedade brasileira.

Nos três últimos capítulos, reúnem-se os textos publicados entre

2017 a 2019 que percorrem mais de quarenta anos trilhados nos caminhos de resistência e luta antirracista. Aqui expressam-se teias performáticas da ilustre Zélia Amador de Deus que brinda o baú de Ananse, haja vista a antropóloga amazônica também se dedicou às artes o que a possibilita rasurar a escrita oficiosa, de modo que, a organização dos seus três textos finais obedece a sequência de um texto dramático, por exemplo. No primeiro, percebe-se a influência fanoniana e de autores pós-coloniais e anticoloniais como Albert Memmi e Aimé Césaire, este último grande poeta e dramaturgo martinicano que subverteu o legado shakespeariano ao trazer à cena as *personas* plásticas do colonialismo e racismo.

Do palco principal, Zélia Amador de Deus afirma que o racismo contemporâneo reproduz-se atualizando hierarquias e estruturas que ainda submetem as pessoas negras às subalternidades. Assim, a personagem principal define-se por racismo de Estado ou racismo antinegro conforme a genealogia adotada por ela. Pautando-se em Michel Foucault e Frantz Fanon, Zélia Amador de Deus desvela, ao menos, três *personas* principais do projeto racial, em perspectiva, racismo e colonialismo;

racismo mítico e prevalência da ciência que, em conjunto ou sobrepostas, arrolam a noção de “raça” como matriz discursiva principal do Ocidente. No segundo ato, a antropóloga amazônica toma para si o papel de narradora-testemunha que desvela ao seu público acadêmico e jovem as principais cenas que perfazem a história do Movimento Negro Brasileiro do qual ela integrou como uma de suas mais célebres atrizes sociais.

A corporeidade negra reivindicada ao longo do livro por Zélia Amador de Deus apresenta-se em vozerias e performances. Conforme ressaltado pela autora, o espetáculo do qual participa ininterruptamente há quatro décadas extrapolou o seu ponto de vista de espectadora, ela inseriu-se nesses atos envolvendo-se às cenas como narradora e personagem principal. A ilustre Zélia Amador de Deus desenvolveu sua práxis política à medida que trouxe para seu fazer acadêmico a ancestralidade herdada de Ananse, sua luta transatlântica, ainda hoje, tem a região Norte como chão, mas sua resistência negra permitiu que ela trilhasse caminhos Brasil afora, fato indelével que a consagrou ao lado de Beatriz Nascimento, Thereza Santos, Virgínia Bicudo, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Lélia González

como as principais intérpretes brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEUS, Zélia Amador de. **Caminhos Trilhados na Luta Antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 111p.